

Rádio e competências familiares: a comunicação educativa trocando saberes no semi-árido brasileiro

Edgard Patrício

Doutorando em Educação; Jornalista
UFCE/ONG Catavento Comunicação e Educação Ambiental, CE

Alessandra Oliveira

UFCE/ONG Catavento Comunicação e Educação Ambiental, CE

Resumo

O projeto Competências Familiares é realizado pela ONG Catavento Comunicação e Educação. Competências familiares são os conhecimentos, que as famílias detêm e que são promotores do desenvolvimento infantil. O projeto debate esse conceito através de rodas de conversas com famílias do semi-árido. Essa troca de saberes subsidia a produção de programas de rádio. Tenta-se, assim, produzir-se uma comunicação significativa, educativa, com essas famílias. A comunicação discute a relação comunicação e educação no projeto a partir dos resultados de uma pesquisa sobre a recepção das produções de rádio.

Palavras-chave: rádio, educação, competências familiares.

Introdução – os princípios da comunicação em torno das competências familiares

Como dizer a uma mãe e a um pai o que é melhor para seu filho ou filha? Tentamos responder essa indagação com outra pergunta: seria permitido pensar que um pai e uma mãe não sabem o que é melhor para seu filho ou filha? Partimos do princípio de que no íntimo de cada pai e mãe existe um sentimento de proteção a seu filho ou filha que os impelem a pensar que aquelas ações que desenvolvem são realizadas unicamente na perspectiva do melhor para a criança.

Partamos para algo mais concreto. Como dizer a um pai e uma mãe que o melhor para seu filho ou filha não é passar 'estrupe' de gado para estancar o sangue e fazer sarar um ferimento, prática comum no semi-árido brasileiro? Que a 'pisa' desferida em seu filho ou filha pode não ter como resultado o seu enquadramento nos padrões de conduta orientadores da família? Que o choro de um filho observado pelo pai não necessariamente pode sugerir que a criança pode assumir conduta sexual diversa da aceita pela sociedade?

Se observarmos bem, em todas essas indagações, caracterizadas por ações do pai ou da mãe sobre o filho ou filha, há um fio condutor. Em todas as ações vislumbra-se o movimento cioso do pai ou da mãe em torno

da segurança do filho ou da filha. Seja isso na perspectiva de protegê-lo ou protegê-la de um perigo concreto, que se assume no dia-a-dia; seja isso numa preocupação com os cerceamentos morais que a sociedade pode estabelecer em torno de suas opções, e que pode lhe acompanhar para o resto da vida.

Em se tratando de comunicação, a orientação de ações em torno da construção de competências familiares no trato das crianças de 0 a 6 anos nos sugere alguns princípios:

Há que se ter em consideração que cada mãe e cada pai trazem, em torno de si, a aura da defesa do bem-estar de seu filho ou filha. Nesse caso, cabe entender como mãe e pai racionalizam suas experiências, constroem esse saber e o utilizam na prática de proteção a sua filha ou filho. A comunicação tem que se estabelecer enquanto via de mão dupla, em torno do diálogo, da troca de saberes;

Há famílias e famílias. Tem-se que estar aberto à diversidade da construção familiar. Seria extremamente danoso à compreensão do processo se fosse sugerido que a simples localização e renda de uma família (no semi-árido e vivendo com menos de meio salário mínimo por mês) pudessem sugerir o despreparo dessa família nos cuidados com sua filha ou filho. A comunicação não pode ser massificante, tem que estar aberta ao diverso, mesmo quando o diverso se esconde por entre a maioria;

Há que se perceber que a família não se encontra isolada dentro de uma comunidade. Existe um contexto a se perceber. Esse contexto predispõe as relações sociais, as trocas simbólicas, o ir e vir de experiências, às vezes alegres, às vezes tristes. É a percepção da comunidade que pode gerar movimentos de mobilização social em torno da proteção à criança. A comunicação deve levar em consideração o meio-ambiente, como aspecto definidor de uma melhor qualidade de vida.

Como o rádio se insere na discussão sobre competências familiares

Em recente depoimento, Craig R. Loftin, oficial de educação do Unicef-Brasília, lança alguns aspectos relacionados à importância das competências familiares em torno da criança nos seus primeiros anos de vida. Ele afirma que o desenvolvimento integral da primeira infância é apontado, hoje, como uma das estratégias mais efetivas e eficazes na ruptura do ciclo da pobreza e da formação do cidadão. Seria necessário, portanto, garantir, além da sobrevivência, a proteção e o acesso a oportunidades que promovam o desenvolvimento integral das crianças.

Loftin ainda assinala que quando intervimos nos primeiros anos de vida de uma criança para promover o seu desenvolvimento integral estamos garantindo a formação adequada dos alicerces cerebrais e biopsicossociais, e suas competências atuais e futuras. Esses alicerces se organizariam nos três primeiros anos de vida pelos estímulos que são proporcionados ao bebê e, particularmente, pela qualidade da relação que é estabelecida com os seus cuidadores nesse período. Isso seria decisivo para suas capacidades de aprendizagem e socialização pelo resto da vida.

Buscando uma conclusão, Loftin sugere: o tipo de cuidado que os pais dão a seus filhos, o direcionamento que eles estabelecem para seu crescimento e futuro aprendizado resultam do ritmo diário da vida familiar e dos valores que eles adotam.

A partir dessas afirmações, são estabelecidas algumas conexões: filhos e filhas, mães e pais, cuidados, competências familiares, desenvolvimento integral, começo justo para as crianças... e valores. Necessariamente quanto de fala em valores se remete à perspectiva cultural dos atos individuais e da vida em sociedade. Daí que se pensamos a proteção à criança como a construção de uma teia de valores culturais, o Rádio se assume como meio privilegiado para potencializar o intercâmbio de valores entre as famílias e comunidades.

Rádio e oralidade tendem a se confundir. Daí a difusão que ocorreu com esse meio na região semi-árida do Brasil. Fugindo da leitura escrita, por conta do analfabetismo, soa quase natural a escolha dos habitantes do Nordeste do Brasil pelo rádio. Isso sem levar em consideração as próprias características do povo latino, quase sempre representado por homens de muitas palavras. Isso sugere a aproximação entre o meio Rádio e as matrizes culturais que constituem o habitante do semi-árido brasileiro. Estão abertas as portas para a perspectiva de uma educação não-formal em torno das competências familiares.

Se partirmos do princípio de que todo receptor é ativo, e mais do que isso, que é pelo consumo que se realizam as mediações desse receptor, aqui no caso através dos meios de comunicação de massa, perceberemos que os meios de comunicação carregam, em si, características que apontam para um princípio educativo de suas mensagens. Princípio educativo entendido como um processo em que uma determinada mensagem é percebida; processo que desloca sentidos, possibilitando mediações. Quando pensamos em educação como diálogo, construção de sentidos, mais ainda a educação não-formal ganha espaços nessa aproximação com os meios de comunicação. E mais o Rádio se destaca.

Conhecendo o projeto Competências Familiares

A partir das ações estabelecidas para o projeto, foram desenvolvidos alguns produtos de caráter comunicacional e educativo. Descrevem-se, aqui, esses produtos e a metodologia trabalhada, que estabelece a ponte entre comunicação educativa e competências familiares.

Produção, distribuição e veiculação de spots radiofônicos, de 1 minuto de duração cada, para emissoras que alcançam os 30 municípios cobertos pelo Projeto, potencializando a capacitação no processo de fortalecimento das competências familiares. Os spots tratam de cada uma das competências familiares definidas pelo Unicef e especificamente da temática água de qualidade e fortalecimento das competências familiares;

Uma temática tratada pelos spots é "Histórias de Criança", introduzida no spot por vinheta específica. O objetivo central dos spots é ressaltar a importância da interação da família para o desenvolvimento infantil. A finalização dos spots coloca a importância do sentido do relato, enquanto competência familiar, e complementa fazendo alusão a uma outra competência, não abarcada pelo relato. A mensagem é a de que esse cuidado (o do relato) já é feito, mas que existem outros cuidados também importantes (competência familiar). Um exemplo. O relato fala sobre como uma criança conseguiu atravessar uma epidemia sem pegar a doença, porque estava imunizada. Em seguida, entra o locutor ressaltando que a vacinação é importante. "Falando em cuidado com a criança, você já contou uma historinha hoje para seu filho?".

Outra temática básica é “Conversa de Criança”, introduzida no spot por vinheta específica. Além de diálogos entre adultos ou adultos e crianças, a idéia é dramatizar diálogos entre crianças, ou mesmo monólogos de crianças representando seu pensamento sobre o “mundo adulto”, colocando a criança como protagonista e participante da discussão sobre desenvolvimento infantil. Um exemplo: crianças brincando com suas bonecas e revelando os “cuidados” que elas dispensam para seu desenvolvimento. Outro exemplo: depoimento dramatizado de crianças revelando como se sentem quando alguém conta uma história para ela. O locutor encerra o spot enquadrando o assunto em uma das 26 competências definidas como básicas por documento preliminar do Unicef, como forma de fortalecê-las e enfatizá-las.

Algumas das competências familiares estão diretamente atreladas a competências municipais específicas, ou seja, para uma funcionar, depende do suporte da outra. Daí a importância da produção de spots direcionados especificamente para o público-alvo gestores públicos, para que, apropriando-se das competências, implementem políticas públicas que garantam o bem-estar e condições de desenvolvimento para as crianças. A temática básica é “É possível ir além”, introduzida no spot por vinheta específica. São recados diretos direcionados aos gestores públicos, para desenvolver ações que favoreçam o desenvolvimento infantil. Mas não é utilizado um tom de cobrança. Ao invés disso, se parte de uma ação que o gestor, presumivelmente, já tenha realizado. Um exemplo: assistência à gestante, através de serviço de pré-natal na rede de saúde municipal. Texto: “Que bom que seu município já dispõe de serviço de pré-natal à gestante. Mas, é possível ir além. Ter equipes do Programa de Saúde na Família significa um desenvolvimento seguro depois do nascimento da criança”. O spot encerra com a seguinte frase: “Gestor público: é tempo de criança!”.

Produção, distribuição e veiculação de programas de rádio para emissoras que alcançam os 30 municípios cobertos pelo Projeto, possibilitando a troca de saberes entre grupos de mães e pais, de diferentes realidades e contextos, favorecendo o fortalecimento das competências familiares;

Conversa com as famílias: para promover a troca de experiências e o intercâmbio de saberes entre as famílias, foi pensada uma forma de comunicação educativa na qual as famílias falariam sobre determinado assunto, tendo como base a realidade vivenciada por cada uma delas. O formato escolhido é o rádio-fórum – as famílias são convidadas a falar sobre suas experiências na criação dos filhos, o que acaba por introduzir a questão das competências familiares, mesmo e, a partir dos temas, cada participante emitia sua opinião. Todas as opiniões foram gravadas para, posteriormente, serem ouvidas por um outro grupo de famílias, que deu sua opinião sobre os mesmos assuntos. As opiniões do segundo grupo retornam, depois, ao primeiro grupo, onde foi realizada uma síntese das discussões.

Realização de oficinas sobre rádio e fortalecimento das competências familiares, para radialistas dos municípios alcançados pelo Projeto;

Oficinas de sensibilização de um dia, com os radialistas, em cada microrregião. Inicialmente, é promovida uma apresentação de todos os participantes do encontro. Depois, os radialistas produzem rádio-teatros abordando os pontos positivos e negativos de trabalhar em rádio na região semi-árida brasileira. Com a integração maior da turma, o projeto em si é apresentado e os radialistas são convidados, novamente, a desenvolverem rádio-teatros simulando o uso do tema em programas de rádio.

O que nos diz a aproximação conceitual comunicação e educação

O que se percebe é que a análise sobre a relação comunicação e educação tende a manter uma linha de objetivos que faz uma ponte entre as instâncias micro e macro do objeto estudado. Um exemplo, a produção de programas radiofônicos, de orientação educativa, tem o intuito de transformar a situação de opressão dos menos favorecidos. E, assim, se estabelecem sinapses entre os processos de produção da comunicação, do ambiente escolar, da educação para a mídia, dos meios de comunicação, da sala de aula e a transformação social. Vamos perceber, também, que essa tal de relação entre comunicação e educação já avança na idade, embora rejuvenescida pela ação de novos conceitos.

Não por coincidência, esse é o título do capítulo I do "Producción de Programas de Radio: el guión - la realización", de Mario Kaplún, publicado em 1973, mas produto de sua práxis reflexiva desde a década de 50. E é através de Kaplún que podemos mediar nossa compreensão sobre a proximidade entre rádio e realidade local dando conta da relação comunicação e educação. Nos estudos de Kaplún se insinua a instância micro dessa relação, propícia à urgência da realidade opressora dos governos caudilhescos das nações latino-americanas.

A compreensão sistêmica da realidade é a base do conceito de Kaplún sobre educação radiofônica. Para Kaplún, a educação radiofônica

"(...) será entendida aqui en un sentido amplio: no solo las emisiones especializadas que imparten alfabetización y difusión de conocimientos elementales, (...) sino también todas aquéllas que procuran la transmisión de valores, la promoción humana, el desarrollo integral del hombre y de la comunidad; las que se proponen elevar el nivel de conciencia, estimular la reflexión y convertir a cada hombre en agente activo de la transformación de su medio natural, económico y social". (p. 21)

Daí propor, apoiado em Bordenave, que a educação que deva estar na base de iniciativas de educação radiofônica seja aquela que tenha como base os processos, que estabelece um estreito vínculo entre educação e realidade. Ou seria educação contextualizada, que descortina uma realidade obscurecida por imaginários? "No se preocupa tanto de la materia a ser comunicada ni de los resultados en términos de comportamiento, sino más bien de la interacción dialéctica entre las personas y su realidad". (idem, p. 32)

O sentido fundamental dessa concepção de educação radiofônica consiste na transformação de um homem acrítico em um homem crítico; de um homem a quem os condicionamentos do meio lhe impigem uma postura passiva, conformista, fatalista, a um homem que assume seu próprio destino; um homem capaz de superar suas tendências egoístas e individualistas e abrir-se aos valores solidários e comunitários. Compreensão forjada na necessidade da transformação social da América Latina, ainda sob a dominação de chefetes políticos que utilizavam o poder como forma de enriquecimento ilícito.

Ao final, trata-se de uma educação radiofônica problematizadora, em que o aprender a aprender torna-se seu processo básico, como afirma Kaplún, ainda citando Bordenave, e numa clara alusão a Paulo Freire (1975), capaz de superar a compreensão imaginária da realidade:

"la comunicación y la educación tiene por objeto ayudar a la persona a 'problematizar' su realidad, tanto física como social. Se busca estimular la inteligencia del hombre, para que ella crezca en el sentido de hacer más compleja su estructura y más rápido y flexible su funcionamiento' (...) que se haga capaz de razonar por su cuenta de 'superar las constataciones puramente empíricas e inmediatas de los hechos observados y desarrollar su propia capacidad deductiva'". (KAPLÚN, 1973, p. 33)

A importância do contexto nos processos de educação radiofônica é reforçada por Kaplún, a partir da compreensão da educação problematizadora. Para ele, um programa de rádio pode constituir-se em um elemento útil e válido de educação popular se parte da "realidad social concreta del grupo humano al que se dirige, ayuda a esse grupo a asumir y tomar conciencia de esa realidad, y se identifica em su acción educativa a los intereses sociales del grupo" (idem, p. 35).

Como um bom guia, Kaplún estabelece as características que devam ter os programas de rádio para se assentar em uma educação radiofônica problematizadora. E nesse momento transparece toda sua preocupação com a instância micro da relação comunicação e educação. Os programas de rádio que queiram ter a chancela de educativos

1. Estimulam o desenvolvimento de processos nos ouvintes, mais que simplesmente inculcá-los conhecimentos ou com o intuito de perseguir resultados práticos imediatos;
2. Ajudam o ouvinte a tomar consciência da realidade que o rodeia, tanto física como social; a integrar-se a essa realidade; partam de sua própria problemática concreta, de sua situação vivencial;
3. Facilitam os elementos necessários à compreensão e problematização dessa realidade. São programas problematizadores;

Estimulam as inteligências, exercitando o raciocínio; façam pensar, levando a uma reflexão;

Identificam-se com as necessidades e os interesses da comunidade popular a que se dirigem. Procuram que ela descubra essas necessidades e interesses;

Estimulam o diálogo e a participação. Em alguns casos devem tomar a forma de programas diretamente participativos, criando as condições pedagógicas para o desenvolvimento de uma prática de participação, acentuando os valores comunitários e solidários, levando a processos de cooperação;

Estimulam o desenvolvimento da consciência crítica e a tomada de decisão autônoma, madura e responsável;

Colaboram para que o ouvinte tome consciência da própria dignidade, de seu próprio valor como pessoa.

De Kaplún a outro latinoamericano. A identificação da relação entre comunicação e educação para Paulo é intrínseca à defesa cerrada que Freire faz ao humanismo, no qual o diálogo aparece como uma qualidade própria dos homens do vir a ser, e não dos homens que são coisa. Paulo Freire identifica no diálogo necessário à educação problematizadora o instrumento por onde se revela a comunicação. E estabelece suas relações. "A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados" (FREIRE, 1988, p. 69). Para Freire, "apenas o diálogo comunica realmente" (LIMA, p. 64 e 65).

Freire ainda vai mais longe, ao situar esse diálogo como uma exigência radical da revolução, diálogo que responde ele mesmo a uma outra exigência radical, enquanto elemento constituído do próprio ser humano,

"a dos homens que não podem ser fora da comunicação, pois que são comunicação. Obstaculizar a comunicação é transformá-los em quase 'coisa' e isso é tarefa e objetivo dos opressores, não dos revolucionários" (FREIRE, 1975, p. 178).

Saindo de uma concepção interpessoal de comunicação, Freire também pensou os meios de comunicação de massa. E aí as relações entre comunicação e educação tendem ainda mais a se fortalecer, pois que Freire aproxima os meios de comunicação da escola:

"O que a escola teria que fazer era aceitar mudar. Aceitar revolucionar-se, em função da existência crescente de outros instrumentos, que necessariamente não fariam, ou não fazem o trabalho que ela faz, em termos sistemáticos, mas sem os quais a escola prejudica o seu trabalho sistemático (...). Então, para mim, a questão que se colocaria não era o fim da escola, a morte da escola. Para mim, é a demanda de uma escola que estivesse à altura das novas exigências sociais, históricas, que a gente experimenta. Uma escola que não tivesse, inclusive, medo nenhum de dialogar com os chamados meios de comunicação. Uma escola sem medo de conviver com eles, chegando mesmo até, risonhamente, a dizer: 'Vem cá, televisão, me ajuda! Me ajuda a ensinar, me ajuda a aprender!'" (FREIRE; GUIMARÃES, 1986, p. 24).

Mas é claro que tamanha transformação da escola, com os meios, merece uma dose também considerável de coragem. Freire (idem, p. 31) dá uma pista de como isso poderia acontecer, o que teria repercussões diretamente no cotidiano da sala de aula.

"A primeira coisa que a gente teria que fazer nessa área de experiência era ter a coragem –mas uma coragem que te confesso imensa!–, coragem diante de nós, diante do chamado poder instituído, diante da imprensa, dos pais e dos alunos ... a coragem de dizer: 'Não faz mal que, no final do ano, não se tenha chegado ao fim do programa. O que é fundamental é que a criança tenha chegado, feliz, a perceber que pode e que deve conhecer!'"

A dimensão da compreensão de Freire sobre a relação comunicação e educação é reconhecida hoje pelos próprios teóricos da comunicação, que insistiam em tentar caracterizar no pensamento comunicacional latino-americano idéias que pudessem constituir uma expressão autóctone de nossa realidade comunicativa. As orientações européias, convertidas à Escola de Frankfurt, e o pragmatismo de comunicação como efeito dos norte-americanos não davam mais conta da complexa teia de intrincadas mediações que constituíam as sociedades de abaixo-Ecuador.

E o reconhecimento do ineditismo de Freire parte exatamente de um daqueles que tenta desvendar esse emaranhado de mediações latino-americanas. Martin-Barbero identifica nas compreensões de Freire "la primera aportación inovadora desde latinoamerica a la teoria de la comunicación se produjo en e desde el campo de la educación" (2002, p. 19). E identifica no sentido da palavra geradora, da teoria da alfabetização

de Freire, o elemento essencial nesse reconhecimento, embora que tardio. A palavra geradora seria considerada aquela que

"a la vez que se activa, despliega el espesor de significaciones sedimentadas em ella por la comunidad de los hablantes se hace posible la generación de nuevos sentidos desde los que reinventar lo presente y constuir futuro" (idem, p. 19 e 20).

E insiste:

"es a eso que llamo, sin el menor reato de chauvinismo, da primera teoria latinoamericana de comunicación, ya que no sólo tematizó prácticas y procesos comunicativos de estes países sino que puso a comunicar a América Latina consigo misma e com el resto del mundo" (idem, p. 20 e 21).

A aproximação entre a palavra geradora de Freire e as matrizes culturais de Martin-Barbero faz crer que o reconhecimento, embora que tardio, já tinha ensaiado os passos iniciais há bem mais tempo. A palavra geradora, carregada de sentido, assume a expressão concreta da resistência histórica que identifica as matrizes culturais das comunidades latinoamericanas. E que tende a estabelecer as mediações necessárias à compreensão e reflexão do que é comunicado. Processo educativo em curso no limiar da comunicação? Uma interpretação possível.

As relações possíveis entre comunicação e educação na discussão das competências familiares

A partir da finalização do projeto, fez-se o caminho inverso. A partir da prática (os produtos realizados) tentamos chegar a uma análise conceitual sobre as características da comunicação educativa. E uma comunicação educativa que tenta trabalhar a diversidade como opção criadora. Foi através dessa perspectiva que tentamos identificar, nos produtos comunicacionais e educativos desenvolvidos para o projeto, as instâncias que dão conta dessa orientação da comunicação educativa. E chegamos a três instâncias básicas.

A produção de uma comunicação educativa

Para se ter um processo que leve o nome de comunicação educativa, há que se levar em consideração, na etapa de produção, a percepção do contexto. É essencial que as matrizes culturais sejam consideradas quando da produção da comunicação. Nesse momento entra em definição a escolha do melhor meio para a veiculação da produção. No caso do projeto desenvolvido, ocorreu uma sintonia fina entre a oralidade do povo do semi-árido brasileiro, o público para o qual eram destinadas as mensagens produzidas e o meio rádio. Outro aspecto que deva ser considerado na produção de uma comunicação educativa é a qualidade técnica da produção. Muitas vezes, quando a comunicação é produzida para setores da população com níveis escolares baixos, incorre-se na impropriedade de produtos com baixa qualidade técnica. Mesmo com baixos níveis escolares, esses setores desfrutam de um senso de estética. E mesmo que não tivessem, a limpidez da produção de uma comunicação educativa faz o diferencial entre a percepção e a compreensão da mensagem.

O conteúdo de uma comunicação educativa

Dento do processo de definição do conteúdo de uma comunicação educativa, necessário se faz trabalhar em relação estreita com o cotidiano. A relação com o cotidiano traça uma referência que anima o receptor a pensar a mensagem. É nessa relação com o cotidiano que se insinua a brecha para se trabalhar os estereótipos e preconceitos. Não se pode fugir da realidade de que o dia-a-dia das pessoas é pontuado por estereótipos e preconceitos. Esse é o cotidiano. Mas, a partir da discussão crítica desses estereótipos e preconceitos é possível se colocar outros elementos que fogem à percepção rotineira das pessoas. Acaba-se por criar uma tensão situacional entre momentos de estereótipos e diversidade criadora, que leva o receptor a uma situação dúbia ante o estereótipo anteriormente introjetado, gerando um momento de reflexão. Daí que não seja prudente a aposição de "lições de moral" ao final de mensagens comunicacionais educativas. A lição de moral gera uma acomodação, inibindo o processo de reflexão criativa. Essa relação com o cotidiano também é potencializada a partir da valorização dos saberes socialmente construídos pelo público receptor, o que potencializa a referência a suas matrizes culturais. Melhor ainda quando se sabe que os saberes socialmente construídos partem de um processo de construção coletiva, o que remete, necessariamente, a linguagens e valores que se transformaram em imaginário de massa.

O formato de uma comunicação educativa

A definição do formato de uma comunicação educativa parte da aproximação entre produção e conteúdo da comunicação. Daí que sugere algumas especificidades. Quais são as características da produção e do conteúdo de uma comunicação educativa que definem o formato dessa comunicação? Algumas dessas características foram colocadas nas discussões anteriores. Diálogo permanente com o público receptor, na perspectiva da sinceridade da troca de saberes e da possibilidade de continuidade do processo de comunicação; relação com o cotidiano, daí a menção a situações de conflito que muitas vezes embutem resquícios de estereótipos e preconceitos; diversidade de tipos e situações que palmilham esse cotidiano, fugindo-se da estrutura massificante de uma comunicação direcionada. O formato radiofônico que conseguiu forjar uma comunicação educativa a partir dessas características foi o rádio-teatro ou rádio-fórum.

Algumas percepções sobre a recepção da comunicação no Projeto Competências Familiares

O Projeto Competências Familiares articula uma rede de 180 radialistas que são colaboradores nas produções de rádio. Esses radialistas fazem parte da Rede de Rádios pelo Desenvolvimento Infantil, composta por 60 emissoras do interior cearense, que veiculam as produções de rádio do Projeto de forma gratuita. Para se ter uma idéia da recepção das produções junto às famílias, foi realizada uma pesquisa, por telefone, com 45 dos radialistas, de 45 emissoras, que já passaram pelas oficinas de formação do Projeto.

Os resultados são animadores. Das 45 emissoras com que se manteve contato, 15 veiculam as produções de rádio esporadicamente, 19 veiculam pelo menos uma vez por semana e 11 veiculam as produções mais de uma vez por semana. Os dados indicam que existiria um bom espaço de exposição das famílias às produções, o que nos levou a questionar a receptividade dos ouvintes dessas emissoras de rádio às produções radiofônicas.

Para 25 dos radialistas entrevistados (56%), os ouvintes gostam das produções e interagem durante a veiculação dos programas. Um total de oito radialistas (18%) afirmou que seus ouvintes gostam das

produções, mas não interagem com os programas. Um radialista (0,45%) afirmou que não existe uma boa receptividade por parte da população aos programas; sete radialistas (16%) afirmaram não receber nenhum retorno da população; e quatro radialistas (9,55%) não tinham elementos para responder. Note-se que o radialista que afirmou que o programa não tinha uma boa receptividade, esclareceu que a população liga reclamando porque não existe um horário fixo para a transmissão e nunca dá para acompanhar os programas.

Alguns depoimentos dos radialistas.

"O pessoal liga querendo saber quem faz os programas, se interessa pelos assuntos, querem participar, principalmente o pessoal do interior". (Júlio Lopes / Rádio Difusora Vale do Acaraú)

"Os conselheiros tutelares estão gostando bastante e a população pergunta sobre os programas, alguns avaliam e dizem que gostam." (Antônio Leobétil / Rádio Liberdade AM)

"O programa é muito bom e o pessoal gosta bastante. A Secretaria de Ação Social se interessou para levar os programas nas comunidades, para mostrar os conteúdos em rodas de conversas." (Paulo Pinheiro / Rádio Pioneira FM)

Referências

- BARBERO, J. M. 1987. *De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonia*. Barcelona: Gustavo Gili.
- BARBERO, J. M. 2002. *La educación desde la comunicación*. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma.
- CANCLINI, N. G. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999;
- CANCLINI, N. G. 2003. *Culturas híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- FREIRE, P. & GUIMARÃES, S. 1986. *Sobre educação (diálogos)*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- FREIRE, P. 1988. *Extensão ou comunicação?* 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- FREIRE, P. 1992. *Medo e ousadia*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- FREIRE, P. 1975. *Pedagogia do oprimido*. 2. ed. Porto: Afrontamento.
- FREIRE, P. 1992. *Pedagogia do Oprimido*. 20. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- FREIRE, P. 1993. *Política e educação*. São Paulo: Cortez.
- KAPLÚN, M. *Producción de Programas de Radio: el guión – la realización*, 1973;
- KAPLÚN, M. *Processos educativos e canais de comunicação*. *Revista Comunicação & Educação*. São Paulo: Moderna/Eca-Usp, jan./abr.de 1999. p. 68-75;

NEUMANN, L. 1990. *Educação e comunicação alternativa*. Petrópolis: Vozes.

PATRÍCIO, E. 1999. *Confiança e Credibilidade: encurtando as distâncias na educação pelo Rádio*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação (mimeo.). Fortaleza.

PIOVESAN, A. 1986. "Rádio-educativo: avaliando as experiências das décadas 60/70". In: *Comunicação e educação: caminhos cruzados*. São Paulo: Loyola, 1986;

TORNERO, J. M. P. 2000. *Comunicación y educación en la sociedad de la información – nuevos lenguajes y conciencia crítica*. Buenos Aires: Ediciones Paidós Ibérica.